

Revista Mídia e Cotidiano  
ISSN: 2178-602X  
Artigo Seção Livre  
Volume 15, Número 1, jan./abr. de 2021  
Submetido em: 14/05/2020  
Aprovado em: 24/07/2020

**A vitalidade da música na cidade de Rio das Ostras (RJ):  
transformações, conflitos e negociações sociais**

*The vitality of music in the city of Rio das Ostras (RJ):  
transformations, conflicts and social negotiations*

*La vitalidad de la música en la ciudad de Rio das Ostras (RJ):  
transformaciones, conflictos y negociaciones sociales*

Micael HERSCHMANN<sup>1</sup>  
Flavia Magalhães BARROSO<sup>2</sup>  
Cíntia SANMARTIN FERNANDES<sup>3</sup>

**Resumo**

A partir de observações de campo, entrevistas semiestruturadas realizadas com os atores no cotidiano entre os anos de 2018 e 2019, procurou-se neste artigo dar continuidade às reflexões em torno da trajetória da cidade balneária de Rio das Ostras (que foram iniciadas em 2015) no que tange às potencialidades transformadoras da música em contribuir de forma significativa para desenvolvimento da localidade: inclusive, o governo municipal chegou a encaminhar em 2019 a candidatura dessa urbe como cidade criativa da UNESCO. Buscou-se analisar particularmente as articulações e tensões entre os atores, especialmente nesse momento em que a gestão pública ensaia valorizar a música como vetor de desenvolvimento socioeconômico, apostando na articulação desse tipo de expressão artística com a cadeia do turismo e, de modo geral, do entretenimento.

**Palavras-chave:** Comunicação. Cultura Urbana. Música.

**Abstract**

Based on field observations, informal and semi-structured interviews carried out with the actors in the everyday between 2018 and 2019, this article sought to continue reflections on the trajectory of the seaside town of Rio das Ostras (which began in 2015) with regard to the transforming potential of music in contributing significantly to the development of the locality: in 2019, the municipal government even forwarded the candidacy of this

<sup>1</sup> Professor Titular da ECO/UFRJ e do PPGCOM da UFRJ, onde também dirige o grupo de pesquisa NEPCOM. E-mail: micael.herschmann@eco.ufrj.br. ORCID: 0000-0001-8859-0671.

<sup>2</sup> Doutoranda do PPGCOM da UERJ e pesquisadora associada do CAC/UERJ. E-mail: flaviamagalhaesbarroso@gmail.com. ORCID: 0000-0003-3750-0968.

<sup>3</sup> Professora do FCS/UERJ e do PPGCOM da UERJ, onde também dirige o Grupo de pesquisa CAC. E-mail: cintiasan90@gmail.com. ORCID: 0000-0002-7501-6387.

locality as a creative city of UNESCO. We sought to analyze particularly the articulations and tensions between the actors, especially when public management tries to value music as a vector of socioeconomic development, betting on the articulation of this type of artistic expression with the tourism and, in general, entertainment.

**Keywords:** Communication. Urban Culture. Music.

### **Resumen**

Basado en observaciones de campo, entrevistas semiestructuradas llevadas a cabo con los actores en su vida cotidiana entre los años 2018 y 2019, este artículo buscó continuar las reflexiones sobre la trayectoria de la ciudad de Rio das Ostras (que comenzó en 2015) con respecto al potencial transformador de la música para contribuir significativamente al desarrollo de la localidad: en 2019, el gobierno municipal incluso envió la candidatura de esta ciudad como ciudad creativa de la UNESCO. Analizamos particularmente las articulaciones y tensiones entre los actores, especialmente en este momento cuando la gestión pública trata de valorar la música como un vector de desarrollo socioeconómico, apostando por la articulación de este tipo de expresión artística con la cadena turística y, en general, del entretenimiento.

**Palabras clave:** Comunicación. Cultura urbana. Música.

### **Força movente da música**

Neste artigo busca-se dar continuidade à cartografia (LATOURE, 2012) e às reflexões que vêm sendo desenvolvidas a respeito da trajetória recente da cidade balneária e fluminense de Rio das Ostras desde 2016<sup>4</sup>, repensando especialmente o papel da música na promoção de “desenvolvimento local”<sup>5</sup> para esse território. Ou melhor: buscou-se avaliar os desdobramentos da articulação entre a trama comunicacional, o investimento na música como fator relevante de mobilização social (que incrementa o turismo e o dinamismo sociocultural local) e as políticas públicas que vêm sendo implementadas recentemente no cotidiano dessa urbe. Parte-se do pressuposto que a música pode se constituir em um vetor fundamental para a construção de territorialidades significativas,

---

<sup>4</sup> Os primeiros resultados parciais desta pesquisa estão registrados no artigo intitulado “Rio das Ostras, cidade do jazz” (HERSCHMANN *et al.*, 2017).

<sup>5</sup> Vale salientar que o debate efetivamente contemporâneo em torno do desenvolvimento não passa, hoje, por uma perspectiva desenvolvimentista, mas sim pelas discussões associadas ao desenvolvimento local, bem como por aqueles referentes à necessária articulação entre os diversos atores envolvidos no processo de desenvolvimento (mais detalhes, cf. BUARQUE, 2008; COCCO, 2003).

sobretudo no Estado do Rio de Janeiro, conforme vem sendo assinalado em trabalhos publicados nos últimos anos (HERSCHMANN; FERNANDES, 2014).

Na pesquisa mais recente feita nesta cidade balneária<sup>6</sup> foi possível atestar processos de continuidades e descontinuidades importantes envolvendo os atores nas suas associações: salienta-se a relevância das controvérsias nas “cenas musicais”<sup>7</sup> locais, isto é, notadamente as iniciativas que envolvem a música ao vivo vêm colaborando significativamente para converter Rio das Ostras em uma localidade mais democrática (com melhores níveis de inclusão e participação social).

A análise apresentada toma como referência não só as observações de campo que foram realizadas durante o ano de 2019, mas também as entrevistas informais e semiestruturadas elaboradas com frequentadores, músicos, produtores culturais, lideranças locais e empresários. Vale sublinhar ainda que este artigo traz os resultados parciais de uma pesquisa mais ampla que analisa a capacidade da cultura musical – realizada pelos atores nos espaços públicos e privados – de ressignificar quatro cidades do Estado do Rio que estão sendo atualmente investigadas (a saber: Rio das Ostras, Paraty, Conservatória e Rio de Janeiro).

Na continuidade da pesquisa cartográfica nessa macrorregião, foi possível constatar a vitalidade da música: a capacidade dessa atividade urbana e sensível de colocar em evidência transformações, conflitos e negociações sociais. Referencia-se assim enquanto ponto de partida das estratégias metodológicas empregadas, o necessário acompanhamento dos atores e das cenas musicais num contínuo “abrir de caixas pretas” – possibilitado pelo movimento do pesquisador no trabalho de campo – processo

---

<sup>6</sup> Expressa-se aqui o agradecimento às agências de fomento do país – CAPES, CNPq e FAPERJ – pelos apoios concedidos para o desenvolvimento desses estudos.

<sup>7</sup> O termo foi cunhado em 1991 pelo comunicólogo canadense Will Straw na conferência intitulada “The music industry in a changing world” e é bastante empregado nos Estudos de Som e Música realizados no Brasil. O conceito de modo geral designa as alianças e coalizões ativamente criadas e mantidas pelos atores, através das quais são articuladas formas de comunicação que contribuem para delinear territorialidades e fronteiras socioculturais. Ressalta-se que, com frequência, é confundido com o emprego difuso que é feito pelos atores e pelo jornalismo cultural. Sobre a importância desse conceito para o campo de comunicação, conferir Janotti Jr. e Sá (2013).

referenciado pela “Teoria Ator-Rede” (LATOUR, 2012; LEMOS, 2013).<sup>8</sup> Trata-se de considerar as experiências musicais (especialmente as que gravitam em torno das apresentações ao vivo) – mais ou menos institucionalizadas; e mais ou menos visíveis e perenes na cidade – enquanto práticas expressivas da urbe que sugerem “astúcias e táticas”<sup>9</sup>, “controvérsias” (LATOUR, 2012) e dinâmicas de articulação entre os atores.

A retomada deste estudo tornou-se especialmente relevante tendo em vista a candidatura dessa cidade ao longo de 2019 ao selo de Cidade Criativa da UNESCO (na categoria música). A candidatura dessa urbe vem mobilizando os atores e segue gerando controvérsias: faz com se questione mais intensamente o projeto de constituição de uma cidade criativa. Muitos deles se perguntam que formatos, práticas sociais e experiências musicais legitimariam a concessão de tal título à cidade (os questionamentos aqui apresentados fazem parte de um conjunto de críticas já analisadas em trabalhos anteriores<sup>10</sup>). A hipótese que norteia os argumentos desenvolvidos neste artigo é que a candidatura da cidade a esse selo da UNESCO poderia se constituir em uma oportunidade significativa para integrar mais esse território, isto é, seria uma ocasião relevante para os

---

<sup>8</sup> A Teoria Ator-Rede (TAR) é uma corrente da pesquisa em teoria social fundada nos anos de 1990, a partir da obra de Michel Callon, Bruno Latour e John Law. Notabilizada no Brasil, especialmente nas Ciências Sociais (e no campo da Comunicação) pelo trabalho de Latour: a TAR valoriza imensamente o empirismo e trabalho de campo (o empenho dos investigadores em rastrear as agregações dos atores) e, ao mesmo tempo, dirige severas críticas à perspectiva “generalizadora” (produtora de sínteses e/ou quadros de referência) da sociologia convencional e da chamada “Sociologia Crítica”. Em linhas gerais, Latour propõe que se migre de uma “Sociologia do Social” para uma “Sociologia das Associações”. Assim, pode-se afirmar que, por um lado, essa teoria desconstrói a sociologia das categorias universais (essa corrente de estudo mais interessada nos momentos em que as dinâmicas de agregação social ocorrem); e, por outro, vale sublinhar que a “Cartografia das Controvérsias” se constituiria na aplicação, isto é, mais precisamente no método de pesquisa da TAR. Dentre esses procedimentos metodológicos poder-se-ia destacar os seguintes: a) deve-se ouvir os envolvidos direta e indiretamente; b); observar vários pontos de vista, empregando inúmeros métodos de análise e de observação; c) procurar fazer uma boa descrição da controvérsia pesquisada; d) e, finalmente, dar peso proporcional aos actantes envolvidos. Mais detalhes, conferir Lemos (2013). Informações disponíveis em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Teoria\\_ator-rede](https://pt.wikipedia.org/wiki/Teoria_ator-rede), acesso em: 15 fev. 2020.

<sup>9</sup> Em sua obra clássica sobre as “artes do fazer” (cotidianas) Certeau desenvolve uma perspectiva de análise profícua para o estudo de caso das práticas dos atores na cidade de Rio das Ostras, pois ele enfatiza a possibilidade de identificar diferenças e perceber as micro-resistências no dia a dia (astuciosas e táticas) dos atores, as quais são capazes de afetar significativamente as relações de poder e as dinâmicas na localidade (CERTEAU, 1994).

<sup>10</sup> Vale destacar a publicação organizada por Fernandes e Herschmann (2018), a qual reúne artigos que se inserem na discussão cidades criativas: artigos reunidos deslocam os argumentos que se centram, em geral, numa discussão sobre potencialidades e limites das economias criativas institucionalizadas dos territórios, em direção a uma reflexão que tenta dar conta de múltiplos aspectos – especialmente políticos e culturais – que envolvem as “cidades musicais”.

atores atuarem mais endogenamente, na qualidade de protagonistas do desenvolvimento local, agenciando direta e indiretamente a música e “cultura como recurso”.<sup>11</sup>

Há um empenho aqui em apresentar questões vinculadas não só às práticas musicais institucionalizadas (protagonizadas em Rio das Ostras pelo “megaevento”<sup>12</sup>, no qual se constitui o festival anual de Jazz & Blues), mas também de considerar as iniciativas musicais espontâneas – que se constituem de forma mais temporária e menos visível – que por vezes participam de forma “astuta e/ou tática” (CERTEAU, 1994) nos processos de (re)construção de imaginários e ritmos do dia a dia da urbe. Buscou-se analisar particularmente as articulações e tensões entre os atores, especialmente no momento em que a gestão pública ensaia valorizar a música como vetor de desenvolvimento socioeconômico, apostando na articulação dessa atividade artística com a cadeia do turismo, gastronomia e, de modo geral, do entretenimento. Assim, com objetivo de construir cartografias sensíveis dessa urbe: seguiu-se as dinâmicas de “reagregação dos atores”, “rastreou-se as controvérsias” presentes nesse território e tentou-se abrir as “caixas pretas”<sup>13</sup>, visando assim uma melhor compreensão das potencialidades e dos desafios enfrentados nessa localidade.

### **Cidade em trânsito**

A partir de uma perspectiva limitada aos dados estatísticos e a motivação econômica da fundação da cidade, Rio das Ostras por vezes é considerada uma “cidade de passagem” que cumpriria apenas a função de acolher por um tempo a mão de obra do

---

<sup>11</sup> Yúdice salienta que hoje no mundo de tendências neoliberais, de modo geral, há uma grande expectativa dos atores de que o campo da cultura dê conta: não só em administrar as tensões políticas presentes no mundo contemporâneo (de tendência multicultural), mas também que se constitua em um vetor capaz de alavancar o desenvolvimento das localidades em função da sua capacidade de incrementar o turismo e o marketing territorial (YÚDICE, 2005).

<sup>12</sup> Sobre o conceito de eventos e megaeventos vale algumas considerações: Contrera e Moro (2008) salientam que as festas (comemorações, eventos e rituais) sempre estiveram presentes na vida social e que os megaeventos surgiram, posteriormente, no século XX, com a emergência da cultura de massa (ou seja, relaciona a condição de megaevento ao contingente de público mobilizado). Já Vargas e Lisboa (2011) destacam a condição temporária e ocasional dos eventos, distanciando esses da rotina do cotidiano.

<sup>13</sup> Quando o pesquisador e cartógrafo (que emprega a Teoria Ator-Rede) segue os atores, isto é, persegue aquilo que ainda não está estabilizado, ou seja, o que não é ainda propriamente consensual, eventualmente consegue abrir algumas “caixas pretas” em diferentes contextos. Busca-se realizar aqui uma “cartografia das controvérsias” – na medida em que esses são fenômenos ricos a serem observados na vida coletiva – explorando temáticas não consensuais ou polêmicas, ou seja, tópicos que não estão já estabilizados no meio social. Mais detalhes, ver: Lemos (2013).

setor petrolífero, sujeita a flutuações do mercado, sem que seus moradores construíssem propriamente vínculos ou práticas produtivas na cidade.<sup>14</sup> A transitoriedade da população é vista ainda como tendo sido incrementada pela chegada da Universidade Federal Fluminense em 2003, na localidade.<sup>15</sup> A presença de uma população transitória, contudo, deve ser avaliada não só a partir dos parâmetros estatísticos, mas também deve levar em conta as relevantes trocas culturais que se constituem no encontro de diferentes fluxos populacionais tais como caiçaras nativos, trabalhadores do setor de petróleo, profissionais do turismo e estudantes universitários, entre outros. Nesse sentido, Carlos Henrique Pimentel, assessor da Fundação Rio das Ostras de Cultura faz o seguinte comentário:

É equivocado considerar Rio das Ostras como uma “cidade dormitório”(…). Na realidade é uma “cidade em trânsito”, na qual se identifica o encontro de várias trajetórias, culturas e memórias. Aqui há uma diversidade cultural expressiva, e é justamente isso que se constitui em uma riqueza da cidade. Precisamos começar a assumir isso como um aspecto positivo, como uma marca local.<sup>16</sup>

É interessante assinalar ainda que, apesar de ser um município jovem e do rótulo de “cidade dormitório”, Rio das Ostras conta com equipamentos culturais importantes, tais como o Centro de Formação Artística (conhecido como ONDA); o Teatro Popular; um Museu dedicado à cultura sambaqui; a Biblioteca Municipal; a Casa de Cultura; a Fundação de Artes e Ofícios; e a Concha Acústica (utilizada para diversos tipos de apresentações culturais). Portanto, é uma cidade que pode ser considerada como sendo razoavelmente bem servida de equipamentos culturais públicos, especialmente quando é comparada com os municípios vizinhos da Região dos Lagos.

Especificamente no âmbito musical podemos destacar: a) as ações institucionalizadas locais como, por exemplo, os cursos de coral e música oferecidos pela

---

<sup>14</sup> Rio das Ostras é uma pequena cidade fluminense, emancipada de Casimiro de Abreu em 1992. Tem a população estimada em 150 mil pessoas e destaca-se por ter apresentado o maior índice de crescimento populacional do Estado (em média 11% ano até 2010). O crescimento exponencial da população é atribuído principalmente à exploração de petróleo na Bacia de Campos. O *boom* do mercado petrolífero na década de 1980 atraiu trabalhadores diretos e indiretos do setor a residir nessa região.

<sup>15</sup> Ressalta-se que esse balneário recebe estudantes em trânsito de todo o Brasil que passam a residir em Rio das Ostras. Em sua maioria, eles circulam para as suas cidades de origem durante todos os anos de (pós)graduação, retornando para as mesmas no final dos seus cursos.

<sup>16</sup> Entrevista concedida aos autores por Carlos Pimentel, assessor da FROC, em 15/08/2019.

ONDA e por artistas que compõe a orquestra municipal;<sup>17</sup> b) as iniciativas musicais turísticas como o SESC Verão<sup>18</sup>, o Festival de Covers<sup>19</sup> e de forma mais destacada, o Festival de Jazz & Blues<sup>20</sup>; c) iniciativas independentes tais como o tradicional OstraCycle<sup>21</sup> (que acontece também uma vez por ano); d) as apresentações oferecidas regularmente pelas bandas independentes nos espaços da Taberna da Amendoeira e da Confraria do Jamelão; e) e, finalmente, as práticas culturais que ocupam os espaços públicos, tais como as rodas de Hip Hop e Rima, que acontecem regularmente na Praça dos Três Morrinhos.

A partir do trabalho de campo realizado, foi possível identificar que há inúmeras controvérsias envolvendo os atores locais sobre de que forma melhor empregar a “música como um recurso” (YÚDICE, 2005) e, esse fato inclusive se expressa nas distintas ações do poder público. Conforme foi relatado pela secretária de Turismo e Desenvolvimento Econômico do município, Aurora Siqueira, a música é parte central do projeto turístico local, planejado para os próximos anos pela gestão atual. Para essa autoridade local, a música deverá desempenhar cada vez mais um papel fundamental para o desenvolvimento socioeconômico através do turismo. Na sua perspectiva, “(...) a música como atividade de entretenimento seria capaz de atrair o turismo de alto poder aquisitivo e mesmo fora dos períodos de alta temporada e, portanto, deve ser organizada em uma programação mais eclética e mais familiar”.<sup>22</sup>

<sup>17</sup> Estas iniciativas são administradas pela Fundação Rio das Ostras de Cultura (FROC) e tem como objetivo a profissionalização de músicos locais e atender estudantes de escolas públicas locais.

<sup>18</sup> O Festival de Verão atrai diariamente cerca de cinco 5 pessoas aos *shows* de cantores e bandas populares associados a variados gêneros musicais. O festival acontece durante a alta temporada e é financiado através de parcerias público-privadas.

<sup>19</sup> O Festival de Covers teve sua primeira edição em 2019 e contou com inscrições de grupos musicais de todo o país. O planejamento para 2020 é que o festival amplie seu tamanho, sendo inclusive reconhecido como o mais importante do país.

<sup>20</sup> O Festival de Jazz & Blues é financiado também através de parcerias público-privadas e é considerado a iniciativa institucional musical de mais destaque na cidade em razão não só da sua continuidade (desde 2003 o festival vem sendo regularmente realizado), mas também em função de ser o projeto de música de maior envergadura (isto é, aquele que mobiliza mais mão-de-obra e recursos da prefeitura). Informações mencionadas em entrevista realizada com Aurora Siqueira, Secretária de Turismo e Desenvolvimento Econômico de Rio das Ostras em 05/12/2019.

<sup>21</sup> O Ostracycle é um encontro anual de motoqueiros, no qual ocorrem apresentações de espetáculos envolvendo motos, feira de gastronomia e alguns concertos de música ao vivo. O evento é realizado há mais de 25 anos e colabora para fomentar o turismo na baixa temporada da cidade.

<sup>22</sup> Entrevista concedida aos autores por Aurora Siqueira, Secretária de Turismo e Desenvolvimento Econômico, em 05/12/2019.

Apesar da tendência de valorização da música hoje, vários autores sublinham em conversas informais (realizadas no trabalho de campo) que há pouco espaço para o “som autoral e independente” nessa urbe, o que termina por forçar muitas vezes a saída desses músicos da região e/ou leva esses artistas a buscarem outras ocupações profissionais. Além disso, os alunos do curso de Produção Cultural (da Universidade Federal Fluminense) com frequência questionam não só o pouco espaço de participação nos projetos culturais da cidade, mas também a constante descontinuidade dos eventos produzidos nesse território.

Levando em conta as vozes dos atores mencionados aqui brevemente, é possível constatar que Rio das Ostras vem tentando desde 2019 construir de forma mais ou menos endógena – seja pela via tendencialmente mais privada ou pública – um projeto de desenvolvimento para a cidade (ainda que com inúmeros impasses, desafios e contradições), ainda que, em alguns momentos, venham se reproduzindo ali estratégias de *city marketing* adotadas em outras urbes de perfil mais turístico (REIS, 2012). Além disso, outra indagação que foi sugerida pelos atores é se a trajetória da cidade – caracterizada pelo constante trânsito de populações de origens variadas e interesses diversos – não poderia com o tempo vir a contribuir de alguma maneira para a conversão de Rio das Ostras em uma “cidade criativa”<sup>23</sup> (VIVANT, 2012; REIS, 2012), isto é, em um território no qual os atores através de práticas associativas conseguiriam articular de forma sinérgica recursos e fluxos culturais heterogêneos, gerando serendipidades,

---

<sup>23</sup> Vale ressaltar que a tendência da maioria dos técnicos que trabalham em Rio das Ostras é a de considerar as cidades criativas (e musicais) de uma perspectiva mais tradicional: como uma vocação regional e caracterizada por centros de excelência tendencialmente institucionalizados. Inclusive, eles vêm buscando o reconhecimento por parte de organismos internacionais tais como a UNESCO. Aliás, em 2004 a UNESCO criou a Rede de Cidades Criativas para promover a cooperação com e entre as cidades que identificaram a criatividade como um fator estratégico para o desenvolvimento urbano sustentável. As centenas de cidades que atualmente compõem essa rede da UNESCO têm supostamente um objetivo comum: colocar a criatividade e as indústrias culturais no coração de seus planos de desenvolvimento a nível local e cooperar ativamente a nível internacional (mais detalhes, conferir: <http://en.unesco.org/creative-cities/home>). Valeria a pena ainda sublinhar que um pouco distinto da noção de *cidades musicais* (como modalidade de “cidade criativa”), tal como foi formulada pela UNESCO, emprega-se este conceito aqui para designar localidades que possuem “territorialidades sônico-musicais” significativas que, pela ação ao longo do tempo, promovem expressivas modificações no imaginário e cotidiano urbano). Ou seja, essas “territorialidades sônico-musicais” (HERSCHMANN; FERNANDES, 2014) – pela recorrência da sua presença, intensidade dos afetos suscitados (que promovem enorme mobilização), pluralidade e pela sua multiplicação em diversas áreas – acabam produzindo efeitos significativos em partes da cidade ou na urbe como um todo.

inovações e adensamentos nesse território, os quais possibilitariam alterar significativamente a qualidade de vida e os patamares de desenvolvimento local.

### **Relevância e limites do Festival de Jazz & Blues**

Esse festival começou a ser realizado em Rio das Ostras em 2003<sup>24</sup>, ganhando rapidamente grande visibilidade no cenário nacional. O evento é gratuito, aberto e possui atrações locais, nacionais e internacionais, promovendo entretenimento por aproximadamente sete dias de atrações musicais dentro do gênero, distribuídas em palcos pela cidade, sendo eles: Praia de Costa Azul, Praia da Tartaruga, Lagoa do Iriri e Concha acústica. Desde a primeira edição, a duração do evento, bem como a distribuição dos shows nos palcos vem sofrendo algumas alterações, que visam ajustá-lo a dificuldades estruturais, financeiras e até climáticas.

Conforme apresentado no estudo anterior realizado (HERSCHMANN *et al.*, 2017), é inegável que o Festival de Jazz & Blues consolidou-se como uma iniciativa atraente muito relevante para a cidade de Rio das Ostras, no que tange ao seu impacto socioeconômico, especialmente para o setor turístico. Conforme dados levantados, é possível afirmar que o evento vem possibilitando, de forma significativa, a geração de renda e emprego para a população, bem como o incremento da atividade econômica no município há mais de uma década. Em 2019, a secretária de Turismo e Desenvolvimento Econômico relatou que o município injetou R\$ 500 mil no evento, sendo o restante do investimento captado através da participação da iniciativa privada (algo em torno de R\$ 900 mil). Em contrapartida, o retorno econômico no território foi estimado em aproximadamente R\$ 8 milhões por essa mesma técnica da prefeitura.

É importante salientar que esse festival promove não apenas “externalidades positivas”<sup>25</sup> para as atividades econômicas, mas também gera benefícios no cotidiano da cidade como: o surgimento de oficinas de música, oportunidades para o comércio formal e informal, incentivos acadêmicos e revitalização de ambientes e equipamentos urbanos

---

<sup>24</sup> Para mais detalhes sobre a trajetória do festival, consultar: Herschmann *et al.* (2017).

<sup>25</sup> As externalidades são os efeitos secundários gerados por uma atividade qualquer e podem ser positivas, quando desejadas, ou negativas, quando indesejadas. As externalidades de um território, por exemplo, podem ser a infraestrutura ou as vocações culturais da localidade, os recursos humanos e naturais disponíveis numa localidade, entre outros (COCCO, 2003).

(que antes estavam abandonados ou relegados a um segundo plano pela administração pública local, como é o caso, por exemplo, da Concha Acústica). É interessante notar ainda que o público local é incorporado sistematicamente ao evento: de acordo com dados da Secretaria de Turismo, a participação dos riostrenses durante as atrações principais é da ordem de mais de 70% ao longo das últimas duas décadas.

Em trabalho anteriormente realizado indagou-se se as externalidades positivas identificadas na cidade seriam realmente promovidas pelo Festival de Jazz & Blues. Muitos atores ponderaram com razão que o IDH alcançado na localidade é resultado em grande medida dos royalties do petróleo (proveniente da Bacia de Campos), sem os quais seria impossível fazer investimentos públicos no território (inclusive incentivando as atividades culturais que se desenvolvem ali). Essa ponderação não só se faz necessária, mas fundamental: tendo em vista que, até 2018, grande parte do patrocínio concedido ao Festival de Jazz & Blues tem sua origem nas 40 empresas do setor petrolífero que atuam na região. Levando-se em conta a falta de disposição do comércio local em apoiar esse festival, pode-se afirmar que a viabilidade desse megaevento tem dependido – mesmo nesse contexto de crise – de recursos e apoios oriundos do setor do petróleo.

Em 2019, percebemos que as dificuldades vêm levando os organizadores a tentar buscar diversificar o leque de patrocinadores desse megaevento, o que levou à consolidação de uma parceria com o SESC local. Conforme dados fornecidos pela Secretaria de Turismo e Desenvolvimento Econômico, essa instituição foi o principal financiador do Festival de Jazz & Blues e é ainda o principal parceiro do Festival de Verão, inclusive rebatizado, em 2019, de SESC Verão.

Temos que entender que as empresas que incentivam a cultura aqui estão ligadas ao petróleo e ao gás e, portanto, temos perdido importantes recursos nos últimos anos com a crise do petróleo. Em 2019, a nossa sorte foi contar com o SESC que abraçou a nossa grade de eventos anuais de entretenimento. Os recursos dos royalties que são poucos e dispomos vêm sendo utilizados para o saneamento e a saúde da cidade. Assim, temos buscado alternativas junto a outros parceiros.<sup>26</sup>

---

<sup>26</sup> Entrevista concedida aos autores por Aurora Siqueira, Secretária de Turismo e Desenvolvimento Econômico, em 05/12/2019.

Muitos atores entrevistados têm manifestado o seu desconforto com esse quadro de dependência da cidade em relação aos royalties de petróleo, isto é, demonstraram insatisfação em relação às oscilações de mercado, a quanto isso afeta as atividades criativas na região.

Gostaríamos de estar discutindo sobre como incrementar o turismo e a nossa economia criativa. Na nossa avaliação, infelizmente a cidade segue muito dependente dos royalties de petróleo, que aliás é um recurso muito escasso que pode se esgotar naturalmente. Acreditamos que a economia criativa oferece alternativas para a cidade. Talvez possamos construir assim um futuro mais sustentável.<sup>27</sup>

Ainda sobre os desafios e as controvérsias relacionadas ao Festival de Jazz & Blues, é imprescindível sublinhar as críticas não só à pouca participação de músicos e artistas locais, mas também do baixo aproveitamento dos ex-alunos formados em produção cultural nesse evento. Sobre a pouca incorporação dos músicos locais, é possível tecer alguns comentários relevantes. Esse festival conta como um dos seus “palcos alternativos” a Casa do Jazz, que é administrada pela Fundação de Cultura (com a função de promover espaços para apresentação de artistas independentes). Na Casa do Jazz estão reunidos alguns estandes que divulgam trabalhos de artistas locais como, por exemplo, os desenhos do Coletivo Barteliê e os discos do tradicional Clube do Vinil, bastante conhecido no balneário.

Poderíamos nos perguntar como o Festival de Jazz & Blues de fato afeta positivamente a vida do músico de Rio das Ostras? A Casa do Jazz que é uma proposta bacana, infelizmente, é muito tímida, que pouco colabora com os artistas locais. Infelizmente, as lideranças da cidade não pensam nos músicos quando promovem eventos (...). Já toquei no festival muitas vezes e nunca aconteceu nenhum desdobramento por conta disso.<sup>28</sup>

Em vários relatos colhidos e nas observações participantes de alguns festivais foi possível identificar algumas das dificuldades que vêm sendo enfrentadas pelos atores que compõem as cenas culturais locais.

---

<sup>27</sup> Entrevista concedida aos autores por Carlos Pimentel, assessor da FROC, em 15/08/2019.

<sup>28</sup> Entrevista concedida aos autores por Diogo Spadaro, músico da banda Os Abufelados, em 30/10/2019.

Há uma falta de cuidado evidente com os profissionais da cena musical local. Você constata a diferença de tocar em um palco ou em outros. Infelizmente em um lugar como a Casa do Jazz as coisas não acontecem como nos palcos principais, de forma profissional (...). Se você quiser mostrar o seu trabalho nesse festival, você lamentavelmente já sabe que os poucos que tocam ali o fazem de forma gratuita.<sup>29</sup>

Pelo que foi apurado até o momento, o estudo de caso de Rio das Ostras indica que o festival – como estratégia deflagradora de amplos processos que podem alavancar de forma mais capilar o desenvolvimento socioeconômico – ainda se constitui em uma iniciativa pontual, que engaja apenas limitadamente os atores locais. Assim, há o risco de se perpetuar como estratégia relevante de *city marketing*, a qual gera inegavelmente alguns resultados positivos, mas que, de modo geral, proporcionou até o momento benefícios diretos e indiretos limitados à população desse território.

Ao mesmo tempo, pode-se afirmar que algumas lideranças vislumbram no horizonte alternativas para a cena local com a “ampliação da estrutura e temporalidade festival”.

Esse festival é maravilhoso para a cidade, mas queremos que num futuro próximo o evento tivesse também outras diretrizes. Gostaríamos que o evento tivesse uma duração mais contínua e não só sazonal. A última edição movimentou mais de R\$ 5 milhões para a cidade em quatro dias. Chegamos à conclusão que seria mais proveitoso se o evento movimentasse menos, mas que acontecesse durante mais dias do ano (...).<sup>30</sup>

Para 2021, técnicos do município prospectam mudanças: em entrevistas realizadas salientam a relevância de instituições “parceiras” tais como SESC, SENAI e SEBRAE, as quais já teriam inclusive “comprado” a proposta.

Encaminhamos essa proposta para o SESC, SENAI e SEBRAE. Gostaríamos de montar um evento com uma duração ampliada, durante a qual aconteceriam evidentemente concertos, mas também oficinas e cursos destinados a população. A FROC vai entrar com os instrumentos e os professores para os cursos. Portanto, a nossa intenção é fazer um

<sup>29</sup> Entrevista concedida aos autores por Cau Barros, músico da banda Os Abufelados, em 30/10/2019.

<sup>30</sup> Entrevista concedida aos autores por Renata Cabral, assessora da FROC, em 15/08/2019.

evento mais estendido, totalizando um mês ou mais, especialmente dedicado ao jazz & blues.<sup>31</sup>

### **Candidatura ao selo “Cidades Criativas” da UNESCO**

A candidatura de Rio das Ostras ao selo Cidades Criativas da UNESCO foi conduzida pela Fundação Rio das Ostras de Cultura (FROC) de maneira articulada ao poder público municipal. Nesse sentido, a atual gestão municipal tem feito esforços na tentativa de alinhar as políticas culturais da cidade ao Sistema Nacional de Cultura, de modo a implementar mecanismos viabilizadores da participação cidadã. Inclusive, em 2017, a FROC criou o Plano Municipal de Cultura com metas e diretrizes de cada setor, conforme citado acima, bem como a eleição do conselho de cultura formado por titulares do poder público e nove representantes da sociedade civil<sup>32</sup>. Para os técnicos da prefeitura, o formato dessa fundação confere a mesma agilidade no estabelecimento de novos marcos legais para a área da cultura.<sup>33</sup>

O processo de candidatura ao selo da UNESCO é iniciado a partir do momento em que a cidade ganha o edital promovido pelo Ministério da Cultura que concedia uma consultoria para a confecção do dossiê de candidatura ao selo da UNESCO. A escolha da categoria música foi realizada através de consultoria organizada pela FROC, em função de ser historicamente o setorial cultural que possui iniciativas institucionalizadas e investimentos mais diversificados, tais como: a escola local para a formação de músicos;

---

<sup>31</sup> Entrevista concedida aos autores por Aurora Siqueira, Secretária de Turismo e Desenvolvimento Econômico, em 05/12/2019.

<sup>32</sup> O Plano Municipal de Cultura, bem como atas e demais documentos referentes ao Conselho Municipal de Cultura estão disponíveis em: <<http://conselhodeculturariodasostras.blogspot.com>>, último acesso: 04.01.2020.

<sup>33</sup> É relevante destacar certas particularidades sobre essa fundação. A FROC é fundada em 1997 quando a cidade opta por não ter exatamente uma Secretaria Municipal de Cultura dentro da gestão cultural do município, mas sim uma Fundação. A estrutura de fundação possui algumas particularidades, são elas: a) a unidade orçamentária independente. A FROC não possui um percentual orçamentário congelado, como ocorre com as secretarias de saúde e educação da cidade, sendo esta uma das principais reivindicações do setor. Diante disso, a fundação possui uma unidade orçamentária independente, podendo atuar de forma mais ágil e captar recursos externos (para além do próprio orçamento municipal). Na avaliação de técnicos da Fundação, foram citados alguns benefícios deste modelo: a) agilidade nas licitações, contratações e formulações de projetos; b) flexibilidade orçamentária por acelerar as parcerias público-privadas e por conceber a fundação também como uma prestadora de serviços; c) maiores possibilidades de construção de marcos legais, por incorporarem a máquina jurídica, que viriam a promover maior continuidade nas políticas públicas de cultura do município, questão identificada como sendo um dos grandes desafios da Fundação (para mais informações, conferir *idem*).

a orquestra e coral da cidade em funcionamento há vários anos; o megafestival anualmente dedicado ao Jazz & Blues (em funcionamento há quase duas décadas); os espaços privados dedicados à cena local e independente; as rodas frequentes de hip hop; e, finalmente, a relação histórica da cidade com compositores e músicos renomados do país.

Fizemos uma grande pesquisa e conseguimos construir o dossiê. Isso foi muito importante porque na verdade colocou a gente diante de um “diagnóstico” revelador e muito relevante. Pudemos constatar neste documento onde estão os gargalos e as fragilidades da cidade. Ao mesmo tempo, pudemos vislumbrar como a comunidade vê a gestão musical aqui dentro da cidade, tanto por parte do poder público quanto por parte do setor privado. Através desse dossiê pudemos compreender melhor a relação dos músicos locais com a sociedade de um modo geral. Então esse dossiê vai ser importante para as futuras iniciativas. Nós levantamos dados muito importantes que seguem gerando reflexões.<sup>34</sup>

Durante o processo de elaboração do dossiê e candidatura, os técnicos e assessores relatam que os moradores locais, de maneira geral, apoiaram essa iniciativa. A categoria dos músicos, contudo, apresentou certa resistência à candidatura, tendo em vista críticas e desafios experienciados por eles no cotidiano. De qualquer modo, de acordo com as entrevistas realizadas, a proposição ao selo da UNESCO promoveu um diagnóstico aprofundado das cenas musicais e das políticas públicas que tinham sido implementadas até aquele momento pela Fundação. Dentre as questões abordadas, poder-se-ia destacar: a) as percepções críticas dos músicos locais em relação ao Festival de Jazz & Blues; b) as dificuldades de absorção do músico profissionalizado na cidade pelo mercado de música local; c) a identificação de desafios específicos na formação de plateia para a música autoral; d) a existência de um mercado de música ainda pouco explorado; e) carência de medidas de proteção ao músico da noite como a garantia da cobrança de cachê; e) e, finalmente, as projeções de que cenas independentes mais consistentes poderiam vir a se desenvolver, mas que essas necessitariam de maior apoio por parte do poder público.

---

<sup>34</sup> Entrevista concedida aos autores por Carlos Pimentel, assessor da FROC, em 15/08/2019.

Técnicos da FROC tecem alguns comentários sobre as críticas que já foram mencionadas aqui e, em sua grande maioria, são direcionadas às limitações da proposta do Festival Jazz & Blues.

No dossiê ficou evidenciado como os músicos, na verdade, enxergam o Jazz & Blues. O fato é que os músicos locais não estão se sentindo empoderados nesse evento, isto é, esses artistas percebem que não tem lugar como protagonistas no festival (...). A condição deles é bem diferente daquela dos músicos de outros países ou de outras cidades do país que vêm tocar aqui.<sup>35</sup>

Eles comentaram também que os músicos profissionalizados – através dos cursos técnicos oferecidos pelas Fundação – muitas vezes não encontram espaços e oportunidades para transformar este conhecimento em uma fonte de renda no dia a dia.

Apesar de dispormos de uma escola profissionalizante de música, poderíamos nos perguntar: até que ponto esses artistas locais estão realmente preparados para enfrentar esse complicado mercado? Além disso, por mais que tenhamos os espaços da Taberna da Amendoeira e da Confraria do Jamelão lamentavelmente não há muitas outras possibilidades de espaços na cidade. Como alternativa vários músicos acabam produzindo eventos, pois do contrário não tocariam em nenhum outro lugar (...). Infelizmente, muita gente desiste de lutar por uma cena musical local e acaba se mudando para a cidade do Rio de Janeiro.<sup>36</sup>

A carência de espaços voltados especificamente às apresentações das cenas musicais locais aparece como uma queixa constante nas conversas informais realizadas, inclusive entre os empreendedores locais. Os empresários que atuam no mercado da gastronomia e da noite de Rio das Ostras, de modo geral, apostam no consumo de bebidas e comidas, sem que os concertos ao vivo se constituam em um importante diferencial para os bares e restaurantes.

Se pensarmos que se trata de uma cidade pequena, pode-se dizer que temos um razoável mercado de música da noite. Um percentual dos bares eventualmente paga um músico – em geral isolado – para incrementar um pouco o ambiente. Então o artista que mantém o cliente consumindo pode vir a interessar algum empresário. Contudo, de modo

---

<sup>35</sup> *Idem.*

<sup>36</sup> Entrevista concedida aos autores por Renata Cabral, assessora da FROC, em 15/08/2019.

geral, lamentavelmente não se prestigia muito o músico. Os empresários costumam não oferecer em novas atrações para o lugar: ou seja, para esses empreendedores investir em música não faz parte exatamente das estratégias para formação de novos segmentos de público consumidor.<sup>37</sup>

Apesar disso, algumas exceções na cidade foram identificadas, de empresários que prestigiam esses artistas.

É possível identificar algumas casas noturnas que são emergentes no mercado de música ao vivo. É o caso da Confraria do Jamelão, a Amendoeira, o Trik Trik, que são pontos que já têm outra relação com os músicos. Estão conscientes de que a música contribui para o sucesso do seu negócio. Aliás, são lugares onde há inclusive espaço para a música autoral e para outros estilos que não são só os mais populares.<sup>38</sup>

É importante salientar que foi mencionado por diferentes atores a necessidade urgente de iniciativas de formação de novos públicos. Para que as iniciativas privadas de espaços musicais se tornem atrativas para o empresariado e sustentáveis para a cidade na absorção desta mão de obra qualificada, é fundamental fomentar também a demanda do público. Nesse sentido, Regina Muniz, proprietária da Taberna da Amendoeira (bar que existe há mais de vinte anos com forte vínculo com apresentações de jazz e de música autoral) argumenta que concertos realizados em espaços públicos poderiam vir a se constituir em um caminho para a ampliação dessa demanda. Ela menciona (ao lado de outros entrevistados) a dificuldade para a realização de eventos de música nas ruas da cidade.

Acho que falta em Rio das Ostras um bom trabalho de formação de público interessado na música local. Realizar música ao vivo no espaço público poderia ter um efeito educativo. Isso é importante pois as pessoas vão se habituando a consumir esses concertos em eventos gratuitos. Há muitas proibições e dificuldades em realizar mesmo pequenos eventos de rua. Lamentavelmente, com frequência se interdita o acesso dos artistas à rua, que querem mostrar seu trabalho e passar o chapéu.<sup>39</sup>

---

<sup>37</sup> *Idem.*

<sup>38</sup> *Ibidem.*

<sup>39</sup> Entrevista concedida aos autores por Regina Muniz, proprietária do bar Taberna da Amendoeira, em 18/10/2019.

Nesse sentido, Diogo Spadaro, conhecido músico local, acrescenta ainda que os músicos não se sentem seguros em realizar concertos públicos por não visualizarem um amparo legal com a liberação de alvarás para esses eventos de rua (os atores temem a repressão do aparato policial local).

Infelizmente em Rio das Ostras não possui um circuito de casas noturnas. Há alguns bares que prestigiam a música como a Confraria Jamelão e a Taberna, que são lugares maravilhosos. Cada vez que a gente volta para tocar nesses lugares têm um público maior e mais diversificado (...). Já pensamos em nos organizar e incrementar esse trabalho de formação de público, indo para a rua (...) só que a gente passa por tantas situações complicadas que isso gera muita insegurança. Muitas vezes temos a impressão que podemos fazer um som em algum lugar (...) e até costuma a galera se juntar de forma espontânea (...). O fato é que se a polícia aparecer corre-se o risco de prisão ou de se perder os equipamentos. Apesar das dificuldades, há muito potencial de formação de novos públicos e isso é muito importante para a vida cultural de Rio das Ostras.<sup>40</sup>

Ainda que existam grandes dificuldades em dinamizar as cenas musicais em Rio das Ostras, é preciso reconhecer o esforço recente de setores progressistas que atuam na FROC que buscam não só incrementar os canais de comunicação e as possíveis sinergias entre os diversos segmentos e interesses presentes na cidade,<sup>41</sup> mas também fomentar o dinamismo das iniciativas musicais (e culturais) já existentes na cidade. Os atores em seus depoimentos e no seu diálogo com essa fundação tem crescentemente enfatizado a necessidade de uma maior flexibilidade da regulamentação urbana, visando facilitar especialmente a viabilização das apresentações nos espaços públicos (não apenas aquelas de maior vulto, em geral organizadas pelo poder público, mas as pequenas, espontâneas e quase clandestinas). Para diversos atores entrevistados, esta estratégia poderá vir a ser relevante e capaz de contribuir de forma significativa no necessário processo de “formação de públicos” nessa urbe, ou melhor, esta iniciativa poderá colaborar na construção de cenas musicais mais sustentáveis (no sentido de que incorporaria mais

---

<sup>40</sup> Entrevista concedida aos autores por Diogo Spadaro, músico da banda Os Abufelados, em 30/10/2019.

<sup>41</sup> Há uma literatura especializada – especialmente anglo-saxã – que vai considerar o momento de organização e realização dos grandes eventos e festivais de música como sendo um acontecimento que agrega os atores de diferentes segmentos sociais (que poderia produzir sinergias entre grupos mais ou menos organizados, empresários e Estado) e que poderia alavancar o desenvolvimento da localidade (BENNETT *et al.*, 2014).

efetivamente variados segmentos da população local) e mais plurais<sup>42</sup>, em suma, por isso mesmo deveria ser incorporada a futuras políticas públicas locais mais sintonizadas com os interesses coletivos da localidade.

### Considerações Finais

Ao longo desse estudo foi possível atestar que a elaboração do dossiê da candidatura ao selo da UNESCO contribuiu para a identificação de problemas e também de potencialidades experienciadas de forma menos visível na cidade e que estão direta e indiretamente relacionadas ao setor musical. Ao preencher o formulário do dossiê, os assessores e técnicos nos relataram que, com certa surpresa e entusiasmo, cenas e coletivos musicais existentes (e de pouca visibilidade na cidade) ajudaram involuntariamente o poder público a cumprir os patamares exigidos pela UNESCO, tais como: parcerias musicais em âmbito internacional em curso; a existência de uma cena de música autoral; projetos musicais que atingem públicos de vulnerabilidade sendo realizados; presença de grupos envolvidos com temas como identidade negra e feminismo; e, finalmente, grupos ativos de troca, venda e colecionadores de artefatos musicais.<sup>43</sup> Assim, no processo de elaboração desse documento, esses técnicos salientam ainda que puderam se dar conta que essas pequenas iniciativas cotidianas vêm promovendo uma maior integração dos músicos e artistas com o território (diferente do megafestival de Jazz & Blues que foi considerado pela maioria muito exógeno e desterritorializado).

Pode parecer meio injusto que Rio das Ostras venha a ser considerada hoje uma “cidade criativa” da música (...) muita gente pode ser que venha creditar essa vitória à continuidade do grande Festival de Jazz & Blues (...). A verdade é que esse festival ajuda, mas se articula pouco

<sup>42</sup> Evidentemente, os atores mencionaram também nas entrevistas a importância de existirem mais programas de rádio dedicados a divulgar os trabalhos dos músicos das cenas locais. Na realidade, de modo geral, eles salientam a importância de: a) utilizar os meios de comunicação tradicionais e a internet (redes sociais) na divulgação do trabalho desses artistas; b) continuar investindo na formação musical dos atores locais; c) articular em iniciativas criativas os jovens que vêm sendo formados nos cursos de produção cultural (Universidade Federal Fluminense) com os coletivos de músicos locais; d) e, finalmente, abrir espaços institucionais para os grupos das cenas locais nas diferentes iniciativas – especialmente na programação de eventos e festivais (de meio e grande porte) – que estão sendo realizadas regularmente na cidade.

<sup>43</sup> Entrevista concedida aos autores por Renata Cabral, assessora da FROC, em 15/08/2019.

com a vida da cidade. Existem muitos problemas e desafios que não foram devidamente resolvidos na cidade. Ao mesmo tempo, a nova gestão municipal com esse selo musical da UNESCO [caso venha a ser confirmado] pode vir a conduzir muitos processos positivos que vão certamente afetar a cidade como um todo. Particularmente acredito que a candidatura seja por uma boa causa, mas é tudo muito complexo e é preciso que haja daqui para frente realmente muito diálogo e mais participação da população nas decisões.<sup>44</sup>

A candidatura levou a construção de um diagnóstico interessante da cidade que pode vir a se constituir no ponto de partida para a reconstrução de uma agenda de políticas públicas mais comprometidas com a construção da democracia e da inclusão social na região. A candidatura foi identificada – conforme relatado pelos técnicos e músicos locais – como uma iniciativa significativa que pode vir a gerar no futuro novas sinergias e externalidades positivas relevantes.

O poder público pretende continuar a campanha junto a UNESCO em 2021, caso a resposta esse ano seja negativa. Mesmo que a candidatura não vingue num primeiro momento, a nossa aposta é que estaremos mais maduros na próxima tentativa. A nossa aposta é que essa candidatura nos provoque a estabelecer metas mais audaciosas para futuras políticas públicas. Quem sabe isso venha a se constituir em um importante estímulo para o município desenvolver certas políticas públicas necessárias? Quem sabe em breve os índices da cidade se tornarão ainda mais favoráveis e poderão ser incluídos em um futuro dossiê [enviado a UNESCO] vitorioso?<sup>45</sup>

Se, por um lado, reconhece-se que o selo da UNESCO não resolve os inúmeros problemas da cidade e nem transforma da noite para o dia essa urbe em um “território mais integrado, democrático e criativo”; por outro lado, foi possível atestar que o processo da candidatura deflagrou reflexões relevantes e uma ampliação do diálogo entre os atores locais.

Evidentemente, é notório que nos caminhos que podem levar a novos patamares de desenvolvimento – a partir do fomento de uma cultura musical local – seguem existindo na região algumas controvérsias que saltam aos olhos do observador mais atento e que precisarão necessariamente ser enfrentadas, privilegiando principalmente as

---

<sup>44</sup> Entrevista concedida aos autores por Diogo Spadaro, músico da banda Os Abufelados, em 30/10/2019.

<sup>45</sup> Entrevista concedida aos autores por Carlos Pimentel, assessor da FROC, em 15/08/2019.

riquezas e interesses coletivos do território. Ainda assim, a heterogeneidade de grupos interessados em planejar e atuar no setor musical e do entretenimento (produtores culturais, *players* da iniciativa privada, técnicos de cultura e músicos profissionalizados, entre outros) compõe um possível horizonte democrático e profícuo, caso ocorram incrementos nos processos de associativismo entre os atores.

## Referências

- BARBOSA, Luis; ZAMOT, Fuad. Políticas públicas para o desenvolvimento do turismo. In: BARBOSA, Luiz et al. (orgs.). **Gestão em turismo e hotelaria**. São Paulo: Aleph, 2004.
- BENNETT, Andy et al. (eds.) **Festivalization of Culture**. Nova York: Routledge, 2014.
- BUARQUE, Sergio. **Construindo o desenvolvimento sustentável**. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, vol. 1, 1994.
- COCCO, Giuseppe et al. (orgs.). **Capitalismo Cognitivo**. Rio de Janeiro, Ed. DP&A, 2003.
- CONTRERA, Malena; MORO, Marcela. Vertigem midiática nos eventos musicais. **E-COMPÓS**. Brasília: COMPÓS, vol. 11, n. 1, p. 1-15, 2008.
- FERNANDES, Cíntia S.; HERSCHMANN, Micael (orgs.) **Cidades Musicais**. Porto Alegre: Sulinas, 2018.
- HERSCHMANN, Micael; FERNANDES, Cíntia S. **Música nas ruas do Rio de Janeiro**. São Paulo: Ed. Intercom, 2014.
- HERSCHMANN, Micael et al. Rio das Ostras, cidade do jazz. **RECIIS**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, p. 1-13, 2017.
- JANOTTI JR, Jeder; SÁ, Simone (orgs.). **Cenas Musicais**, Guarema: Editora Anadarco, 2013.
- LATOURETTE, Bruno. Reagregando o social. Salvador: EDUFBA, 2012.
- LEMOES, André. **Comunicação das Coisas**. São Paulo: Annablume, 2013.
- REIS, Ana C. **Cidades Criativas**. São Paulo, Ed. SESI-SP, 2012.
- VARGAS, Heliana; LISBOA, Virginia. **Dinâmica espaciais dos grandes eventos na cidade**. Cadernos da Metrópole. São Paulo: Observatório das Metrópoles, vol. 13, n. 25, p. 1-16, 2011.
- VIVANT, Elza. **O que uma cidade criativa?** São Paulo: SENAC, 2012.
- YÚDICE, George. **A Conveniência da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.